

Há quanto tempo que, sozinha, espero por toda a vida afora, qual um crente, meu Sonho de Natal... Um sonho ardente de ser feliz um dia... Oh! Quanto o quero.

Às vezes, qual criança ao léu, carente, eu choro e grito... e até me desespero... Outras, em vão, no intenso reverbero, buscá-lo vou, em meio a toda gente!

E nessa espera envelheci sonhando... Pois, na sandália que conservo à porta, jamais encontrarei o sonho me esperando...

E assim, n' alma o conservo, mal contido... Mas vai comigo eu sei, depois de morta meu Sonho de Natal, jamais vivido!

Brandina Rocha Lima, Sonho de Natal

As esperanças na vida são como as ondas do mar: se uma esboça a despedida, outra lhe ocupa o lugar.

Adélia Victória, 1110 Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º 01501-030 – São Paulo, SP

Amor que todos sentimos, amor que todos cantamos... É pranto quando partimos, saudades quando ficamos!

Adamastor Barros da Cunha

No instante em que é concebida, entra na história a criança. Negar-lhe o direito à vida é um crime contra a esperança.

Antônio Augusto, 1109 Lit.&Arte R. Aurora A. Ferreira 171, Ap 702 29090-310 – Vitória, ES

Na bicicleta da vida pedalei tanto, meu Deus! Mas o melhor da descida furaram-se os dois pneus.

Antonio Roberto Fernandes

O mundo tornou-se um pódio tenebroso e acolhedor de corações cheios de ódio e almas vazias de amor.

Geraldo Amâncio, 1107 Acontecências: R. Manoel F. Albuquerque 457 53427-270 – Paulista, PE

Esperança é bem estranha a tua árdua missão: esconder alguma brasa nas cinzas do coração.

Gercy Pinheiro de Souza

Fê-lo! E, para fazê-lo bem, bem antes, suprindo-se da Lógica do nada, Deus recitou as Ciências coadjuvantes, formulando a matéria atomizada.

E só após – por mentores delirantes – em concha e viva, a Terra foi criada no dorso de um quarteto de elefantes, ao balanço das trombas da manada.

Mescladas de verdades e de mitos, ainda vigem histórias infantis, matrizes de fanáticos restritos ao que leem num círculo de giz.

Enquanto aja um fanático na Terra, o Mito será causa e deus da guerra.

J. Martins Carrasco, Mesclado

A nossa vida é fugaz... É bom partir sem revolta... Quem vem ao mundo já traz uma passagem de volta!

Mª Thereza Cavalheiro, 1109 A Voz da Poesia: Rua dos Bogaris 183 04047-020 – São Paulo, SP

Surpreendente maravilha a que agora me acontece: minha mãe, é minha filha à medida que envelhece.

Jesy Barbosa

Nalgum milênio, impoluto... seremos, grande Nação... sem político, corrupto, e sem togado ladrão...

Pedro Grilo, 1110 Trinos do Pitiguari: Rua Guanabara 542 59014-180 – Natal, RN

Quando meu filho nasceu, dei meu mundo para ele. Hoje quem pede sou eu, abrigo no mundo dele.

Pedro Dias

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XV, Nº 12 – 2011 DEZEMBRO
Assinatura até 31.12.12: 12 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,75) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.
Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

Antes de conhecê-la: la soñaba.

Al conocerla: temblé.

Por mirarla mucho: casi quedo ciego.

Quando me la nombraron: cambié de color.

Quise hablarla: enmudecí.

Hoy he vuelto a ser niño. Hoy he llorado!

– Qué cosa única es besarla!

Julio Herrera e Reissig, Poesía Completa y Prosas, Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal Augusto Costa

Metade da humanidade não dorme por passar fome com medo a outra metade na insônia se consome.

Vicente Amorim, 1109 Binóculo ivonildodias@secle.com.br

Eis o dilema que enfrento.

Comparar a trova a quê?

À rosa, às estrelas, ao vento?

A trova lembra você.

Walter Siqueira

Exuberância da Trova no Rincão Campista, Campos dos Goytacazes/RJ 2011 (páginas Homenagens *In Memoriam*) – Gentileza de Diamantino Ferreira: tinoferr@hotmaill.com

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.12.11, enviar até 3 haicus de quigos: Abacate, Espantalho, Louva-a-Deus.

Até o dia 30.01.12, enviar até 3 haicus de quigos: Dia do Escoteiro, Poncã, Relâmpago.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Ap 82

05010-040 – São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles

3. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicu de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

QUIDAIIS DE VERÃO – TEMAS DE VERÃO

Grande plantação de girassóis em flor perdem-se de vista.
Igor Goliski

Após a chuva a florada das abóboras lá no quintal.
Isabela Regalio Filipaki

Na sala de aula olho a chuva de verão no brilho do sol.

João Adolfo Scharam Semkio

As primeiras flores no cantinho do quintal copos-de-leite.

Natalia Coltro Wolff

Ao anoitecer um perfume vem de fora dama-da-noite.

Nicolas Gabriel Garcês da Luz

No meio do dia o arco-íris aparece surpresa no recreio.
Nicolet Chemin Beraldo

Após o temporal as folhas pelo chão um filho também.
Sandro Freiberg Filho

Grémio de Haicai Chão dos Pinheirais, 1ª Antologia de Haicai, Irati/PR, 2010: dmiskalo@hotmail.com – Gentileza de Marilena Budel



HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Nossos votos de Feliz Natal e Ano Novo! Larissa Lacerda Menendez, Látia Lacerda Menendez, Maitê Lacerda Menendez Prados, Mª Iracema Gomes Lacerda Menendez, Caetano Lacerda Menendez Prados, Cássio Caio Prados, Edmilson Felipe da Silva, Manoel Fernandes Menendez.

Na beira da praia, flores se enrolam nas ondas... Festa de Iemanjá! C

Amália Marie Gerda

Começa o Reisado. Com pompa os reis representam e a platéia aplaude. I

Amália Marie Gerda

Repicar de sinos...

Famílias entrelaçadas cantam o Natal. I

Amália Marie Gerda

Em Copacabana, os fiéis ofertam flores – Festa de Iemanjá!... T

Angela Guerra

31, dezembro – lá na Festa de Iemanjá, muita flor no mar!... T

Angela Guerra

Guirlandas de flores bóiam nas águas do mar. Festa de Iemanjá. A

Angélica Villela Santos

Noite de Natal, presentes lotam as lojas.

Num canto, um presépio... F

Angélica Villela Santos

É seis de janeiro. Sons de batuca na praça. Dançam o Reisado. I

Angélica Villela Santos

Muitas flores na água para a rainha do mar. Festa de Iemanjá. F

Argemira F. Marcondes

Festa popular para homenagear os reis, dança do Reisado. T

Argemira F. Marcondes

Grupo de Reisado festeja, de casa em casa.

Dia dos Reis. I

Flávio Ferreira da Silva

Árvore omadas, iluminação feérica. Natal produzido. T

Flávio Ferreira da Silva

Flores do mar, rituais de candomblé. Festa de Iemanjá. T

Flávio Ferreira da Silva

Flores e velas. Mar a dentro barcos cheios cortejam Iemanjá. I

Iracema Gomes

Cidade iluminada neblina caindo

Noite de Natal. I

Iracema Gomes

Roupas coloridas. O Grupo canta na rua músicas de Reis. T

Iracema Gomes

As pequenas ondas deixando flores na areia. Festa de Iemanjá. C

Manoel F. Menendez

A mulher não segue o faldatório da mesa. Natal sem marido. I

Manoel F. Menendez

Muita gente em volta; os reis magos se apresentam.

Festa de Reisado. T

Manoel F. Menendez

Nas ruas do bairro vai a comitiva dos reis. Portas abertas. I

Marilena Budel

Flores e perfumes vão ao balanço das ondas. Dia de Iemanjá. T

Marilena Budel

No colo da mãe bracinhos esticam-se. Presente de Natal. T

Marilena Budel

Nas ondas do mar balançam oferendas.

Festa de Iemanjá. B

Neuza Pommer

Em meio a guirlandas sorri o Papai Noel. Natal vem chegando. I

Neuza Pommer

Cortejo na estrada. Cantos e som de viola. Reisado. I

Neuza Pommer

Em torno da mesa, todos rezam de mãos dadas. Dia de Natal. C

Renata Paccola

Garota de branco espalha rosas na areia.

Festa de Iemanjá. F

Renata Paccola

Troca de presentes na véspera de Natal. Ceia preparada. I

Renata Paccola



... E tudo começou quando, por ocasião do Natal, o grande poeta Edmar Japiassú Maia resolveu cumprimentar o seu amigo, e não menos poeta, Antônio Carlos Teixeira Pinto, enviando-lhe sua mensagem natalina num soneto humorístico.

O amigo respondeu-lhe no mesmo estilo e, achando aquilo tudo muito interessante, decidiu-se a remeter os dois sonetos para vários outros poetas de diversas cidades brasileiras.

Esses, por sua vez, também quiseram aderir à brincadeira.

E o peru foi crescendo... Cresceu tanto que se tornou personagem desta pequena história...

“Se mantém seu papo cheio, o peru, de grão em grão... com versos, pelo correio, teve, o bicho: indignação!”

Viúva e solitária, em sua etapa de aprontar os festejos de Natal, percebe que o peru do seu quintal por um buraco do cercado escapa...

Pulando a cerca, em meio a um temporal, nervosa quer pegar o bicho a tapa, e ante um penoso drible ela derrapa e, exausta e tonta, cai no lamaçal...

Os gritos da viúva, no terreiro, atraem o vizinho ao galinheiro, procedente do banho... pe-la-di-nho! Perante o vulto nu e à meia luz, ao ver à sua frente dois perus, confusa, aprisionou o do vizinho!

Os Perus, Edmar Japiassú Maia (Dez/95)
Caro mestre Tônico:

Que o ano que se aproxima – e nesse item eu me encaixo – conserve sempre pra cima o que a idade põe pra abaixo!

Edmar Japiassú Maia, Dez/95

Eu nem te falo, – o lance é verdadeiro... Cansado, mal entrara no meu banho, quando um barulho, um infernal berreiro se faz ouvir do modo mais estranho.

Sei lá... Uma mulher em meu terreiro, de pau na mão, nem sei de que tamanho, corre atrás de um peru, e este, ligeiro, se desvencilha... mas eu quase o apanho.

A seguir, a quizumba está formada: a mulher, que julguei não ser de nada, do peru logo agarra o pescocinho.

Não houve glu-glu-glu, somente um berro.

Se bem me lembro, se também não erro,
– faltou peru na casa do vizinho!

Sobre Perus, Antônio Carlos Teixeira Pinto

É melhor nem comentar
o episódio que se deu,
pois, talvez, não saiba o Edmar
que o tal vizinho sou eu!
Antônio Carlos Teixeira Pinto, Natal de 1995

Bilhete recebido do Aloísio Alves da Costa:

“Caro poeta Edmar Japiassu, ao receber os excelentes Sonetos Os Perus, de sua lavra e Sobre Perus de Antônio Carlos T. Pinto, muito gentilmente enviado por este último, ocorreu-me a seguinte trova:”

O mestre Teixeira Pinto
e o grande Japiassu,
são dois gigantes, pressinto,
em matéria de peru...

Peruada do Aloísio

Agora, de vez em quando,
ouço um grito no quintal.
– Deve ser ela... tentando
dar o golpe do Natal!

A. Carlos/95

Ao ver, varando a cerca, a espécie rara
que vinha alimentando a milho farto,
a boca da viúva se escancara
deixando a pobre à beira de um infarto!

Não sei se foi por gula... ou foi por tara
que ela saiu, sem roupas, do seu quarto,
em busca do peru que lhe escapara,
numa aflição maior que a dor do parto.

E em meio à escuridão, andando às cegas,
topou com seu vizinho... e em brutais pegos
se viram quatro mãos caçando um bico...

Mas, por questão de peso e de medida,
notando serem dois, ela, atrevida,
pegou para o menu... o do Tônico!

E por falar em perus..., Heloisa Zanconato Pinto

O episódio não crítico,
pela parte que me toca...
Se o vizinho era o Tônico,
a viúva era a Bisóca!

Heloisa Zanconato Pinto (Bisóca) Dez/95

Prezada Heloísa:

Não pode ser você a tal viúva
por um simples motivo: ela era baixa,
cabeça preta feito um guarda-chuva.
Com seu tipo – já viu – nada se encaixa!

Antônio Carlos T. Pinto, Icaraí (Niterói) – 14/12/95

Foi como a minha mãe! Amavel, ela
dia a dia fartou-me de razão.

Nutriu-me, às vezes, com a própria mão,
enchendo, com desvelo, a minha goela!
Fui crescendo... engordando... Só então

Dona da graça e futuro
da minha vida! Criança!
Lírio de amor santo e puro,
estrela, flor, esperança!

Cabelos louros do louro
de sazoados triguais,
com filigranas de ouro,
tecidas em madrigais!

Voz que me enleva e entenece,
qual harpejo de alatide;
que as mágoas todas esquece,
e as dores todas ilude!

Que tens segredos, blandícias...
Meiga, atrativa e tão calma,
que é como um véu de delícias,
lançado sobre minh'alma!

Mais sagrados que os sacrários,
hortos de amor entre abrolhos,
são dois astros solitários,
num céu de mágoa, os teus olhos!
Sentindo-os, sinto que a vida

percebi claramente o plano dela:
pretendia levar-me pra panela,
pois veio a mim munida de um facão.
Fugi, furando a cerca, a bruxa atrás,
foi quando um homem nu apareceu,
deixando-a num impasse... e nisso... zás!!!
Fui salvo! (E vivo mais sadio eu fico!)
Sabida, a velha histórica escolheu
um peru depenado e já sem bico!

A versão do peru, Sérgio Bernardo 13-12-95

Viúva e solitária, na procura
de um peru que fugiu do galinheiro,
a velha corre e cai num lamaceiro,
porque chovia e a noite estava escura.

Seu bom vizinho, que naquela altura
tomava um banho frio, – do banheiro,
pelado como estava, foi ligeiro
prestar socorro à pobre criatura.
Tenta erguer a velhota, e ela, no escuro,
apalpa do vizinho o membro duro,
sem perceber que o gajo estava nu.

E diz, ansiosa: “– Vem, meu bicudinho!”
– avança e agarra o saco do vizinho
pensando que era o papo do peru...

Peru & Companhia, Orlando Brito 25-12-95

Nessa burlesca história dos perus
a contar algo mais eu me dispus.
O caso é que, meu límpido poeta,
morando eu bem pegado ao tal vizinho,
também tive, no drama, um papelzinho
– melhor dizendo, um papelão pateta.

O vizinho – já sabes – é o Carlinhos.
Noutro tempo, ele dava os seus pulinhos;
hoje, porém, como eu, vai devagar...
De como entrou, na história, de gaiato
fiz-te, em soneto, o relatório exato.
– Agora é a minha vez de relatar!

Sou metido a voyeur e, como tal,
nada me escapa ao campo visual.
A vizinhança toda me respeita...
Dos altos de um café com terraço,
munido de um binóculo devasso,
de todo mundo sei com quem se deita...

E foi assim, por essa balda minha,
que o peru vi fugindo – o da vizinha –,
como o sagrado foge do profano;
e ouvi berrar o amigo, apavorado,
sentindo o seu de golpe patolado,
por obra e graça de um sinistro engano.
Em complemento aos versos do Carlinhos,
aqui resumo, ao fim destes versinhos,
o que sobrou pra mim na confusão:
– ante a erótica cena da patola,
fiz-me outra vez fógoso rapazola,
de olhar vidrado e de peru na mão...

Peruando, Waldir Neves, Rio, dezembro 95

Junto do esposo, o Tenório,
ela diz, entre gemidos;
– O meu Natal é um velório
de dois perus falecidos...

Drama natalino, Orlando Brito, 25-12-95

toda de novo se encanta:
ó flor mimosa e róscida
que as outras flores suplanta!

E fico enlevado e crente,
vendo o teu vulto que passa,
ó minha filha inocente,
cheia de amor e de graça.
Joaquim de Castro 1869-

Senhora, cumpro um dever:
não quero que ponhas luto
– meu coração vai morrer!
Não quero que ponhas luto
quando eu deixar de existir;
quando ver-te o rosto enxuto
sem a lágrima fluir;
não quero que amargue o pranto
neste morno entardecer;
apenas mude de canto
– meu coração vai morrer!

Deixo este mundo sem alma,
tão pequeno para mim;

se às vezes eu tinha a palma,
o meu mal não tinha fim;
sorriu-me um dia a ventura:
chorei – custava-me crer –
naquela hora de doçura!
– meu coração vai morrer!

Sonhamos sonhos diversos,
tão simples como a ilusão,
mas tristes como estes versos
nascidos do coração;
ao mundo não tenho apego,
senhora, eu cumpro um dever,
deixa-me agora em sossego
– meu coração vai morrer!

Vilancete, Francisco Gaspar Martins
1869-1921

Perdeu-se ontem na rua,
não se sabe bem aonde,
às quatro horas da tarde,
um coração muito usado,
de valor estimativo.
É vermelho e palpitante

A história desse peru
que fugiu do galinheiro
é de quando o Japiassu
do Flamengo era goleiro.

Era tal o glu-glu-glu,
tão barulhento o berreiro,
que, da Gávea até o Bangu,
se ouvia gritar: Frangueiro!

Por que frangueiro? Afinal,
não tinha frango o quintal,
nesse enredo posto a nu.

Estava escuro. Lanternas
se acenderam e... entre as pernas
do vizinho, – olha o peru!...

Antônio Carlos T. Pinto, Icaraí, Natal-1995

Quer dizer que o poeta Japiassu
adora pôr os olhos no quintal,
quando o vizinho nele seu peru
exibe, que não é só de Natal?

E esse vizinho, caro amigo, és tu?
E a viúva... Ora, eu sei, não fez por mal,
até porque chovia pra chuchu,
seguro no pescoço do animal?

E enforcou-o? Por Bráulio! Isto é, por Cristo!
Entretanto, no assunto não insisto
porque, sem berros e sem glu-glu-glu,
eu prefiro perder meu galináceo,
do que te ver (pois não seria fácil)
sair do banho de ave em punho... nu!!!

De olho no peru..., Luiz Pizzotti Frazão 14.12.95

Contei o caso, Edmar, dos teus perus
a um paneleiro, (bicha português)
que após ouvi-lo, disse-me: – ai Jesus,
que pena que os perus não fossem três!
É tão gostoso ouvir esses glus-glus
dos galináceos de quem sou freguês
que nas sombras ou mesmo em plena luz
afagaria todos de uma vez.

– Então eu me lembrei, meu caro Edmar,
tu que és um grande mestre em encontrar
entre obras de arte as perolas mais finas,

talvez descubras um peru perfeito
que deixe o lusitano satisfeito
em fartas peruadas natalinas!...

Peruadas natalinas, José Maria M. Araújo Dez/95

Edmar, eu fui ao Rio no Natal
e, ao percorrer a ponte, que agonia!...
Aquilo que tu viste no quintal
eu vi boiando em águas da baía.
De longe, o meu olhar pericial
notou, na flacidez da coisa fria,
uma inscrição: Concurso Nacional
– Menção Honrosa – Tema Glaucomia.

Lamento, meu poeta e camarada,
tirar do fato a triste conclusão
que o Carlos ocultou em seu terceto:
à meia luz... a dona, patolada,
cortou, no engano, a golpes de facão,
a peça principal do teu soneto!

Peru premiado, Paulo César Ouverney 31-12-95

e um pouco impulsivo também.
Quem olhá-lo bem de perto
verá que diversas vezes
partiu-se e foi restaurado.
É de sabor meio amargo,
com poucos ressentimentos,
contém algumas saudades,
cinco ou seis bons sentimentos,
recordações, desenganos
e o nome de uma mulher.

Presta-se muito ao amor,
que não se lhe recomenda,
por ser mole e estar rachado.
Roga-se a quem o encontrar
tratá-lo com muito cuidado
e restituí-lo a seu dono,
que será recompensado.

Paulo Sérgio Duarte Milliet da Costa e
Silva 1931-1949, Achados e perdidos

Chega o Natal, e para a grande festa
sai a madame pela redondeza
procurando um peru, fagueira e lesta,
porque tem pressa para expo-lo à mesa.
Depois de muito andar, uma surpresa:
para vender nem mais um peru resta;
e a madame frustrada, com tristeza,
na falta do peru chora e protesta.

Ano que vem – diz ela – por pirraça
vou comprar o maior peru da praça
e matar minha fome perual!

O mais triste – acrescenta – num berreiro,
é ter que ainda esperar um ano inteiro
para ter um peru no meu Natal!

Faltou peru!..., José Tavares de Lima
J.Forá, janeiro 96

Era peru pra aqui... peru pra lá;
peru com jerimum... com vatapá;
peru ao molho pardo e com tutu...
peru assado, frito... e ensopado;
peru à moda e todo recheado.
Enfim, estava farto pra chuchu!

E quando a anfitriã (uma perua),
toda espalhafatosa e um tanto nua,
entrou na sala, o riso foi geral...
Alguém, de cara cheia e deslavada,
deu uma inconsequente peruada,
chamando-a de Pinheiro de Natal!...

E a dona, que de dama nada tinha,
pra o Bráulio gritou, perdendo a linha:
– Pô cara, o que que há com o teu peru?

Um pega pra capá ficou formado,
com peru a sobrar pra todo lado,
bem mais pelo salão... que no menu!
E a Turma da UBT se escafedeu!...
cada qual, protegendo o que era seu,
baixou noutro terreiro, sem demora!
Pois vendo o tal exemplo do Inhambu,
em festa prepara por Jacu,
peru que é bom, também fica de fora!!!

A festa do peru, Heloisa Zanconato Pinto
(Diz o ditado: Em festa de jacu, inhambu não entra!)

Provoquei árdua disputa
nesse Natal de homens nus,
por ser a bendita fruta
em meio a tantos perus!

Heloisa Zanconato Pinto

Tendo sonetos à mão,
confesso já não sei bem,
ante tanta confusão,
quem pegou o peru de quem!...

Arlindo Tadeu Hagen

Meus irmãos trovadores...

Nesta ingênua brincadeira,
de uma forma original,
achamos outra maneira
de dizer: Feliz Natal!...

Heloisa Zanconato Pinto

Certo nunca eu senti quando Amor existia
se era frágil Amor ou se Amor era forte;
se de Amor vinha dor, se de Amor alegria;
se de Amor vinha vida ou se de Amor vinha morte.

E aquele amor que foi luz leda e primavera,
à luz do último luar fragoroso desaba...
Ah, eu posso sentir o grande bem que Ele era,
diante do grave mal que vem quando Ele acaba!

Jamil Almansur Haddad 1914-1988

Às vezes, meu amor, ouço, perto, os teus passos.
Eu bem sei que sou louca;
eu quisera correr e atirar-me em teus braços,
e sentir o teu beijo em minha boca!

Ah! Seria tão bom... Tão bom provar teu beijo,
que eu bem sei que há de vir... hesitante... indeciso...

Ah! Seria tão bom!
Porém, quando te vejo,
só te dou, meu amor, um olhar e um sorriso...

Silvia Celeste de Campos 1914-1933, Às vezes